

Henrique Garcia Pereira

O humor sarcástico e festivo como dispositivo de contestação lúdica da extrema-direita

No primeiro quartel do século XXI, a emergência de significativas correntes políticas de extrema-direita em diferentes espaços geográficos requer algum ajustamento teórico, por parte dos grupos de tendência libertária que lutam contra o capitalismo. Em aparente conluio com as burocracias do Oriente, as novas correntes de extrema-direita caracterizam-se pela aceitação (falsa? provisória? estratégica?) das ‘regras democráticas’ do Ocidente. Paralelamente, proferem doses atrabiliárias de apelos virulentos à violência, à autoridade, ao ‘negacionismo’, à limpeza ética, ao ‘extractivismo’, ao direito patriarcal, à xenofobia, ao chauvinismo...

Estas novas correntes diferenciam-se dos partidos similares que mancharam de sangue o século XX pela sua índole (aparentemente?) mais ‘humanista’, que rejeita (sinceramente?) o extermínio em massa e o genocídio. O facto é que as tendências nazifascistas que tomaram o poder na Europa fizeram-no através duma estratégia perversa assente na dissimulação falaciosa dos traços do capitalismo que mais atormentavam as gentes, cuja ação unida contra a ameaça dum autoritarismo violento nunca foi conseguida. A extrema-direita de hoje pratica um branqueamento hipócrita dos partidos dos anos 1920-40 em que se inspira, espalhando o embuste de que ‘a maioria democrática lhes tinha confiado o poder’. Escamoteia assim a evidência de que tais partidos nunca tiveram maioria no parlamento, só conseguindo formar governo pela força, baseada na sedição, crueldade e intimidação das gentes.

Durante as décadas do século XX em que o capitalismo de “rosto democrático” prevaleceu na Europa Ocidental, fortemente financiado (a seu favor, a médio prazo) pelos Estados Unidos, surgiram importantes tendências contraculturais de raiz libertária, como os *beatniks*, os *hippies*, a Internacional Situacionista e outros movimentos de índole ‘anarco-conselhistas’

que tomaram corpo com o Maio de 68. Estas tendências contraculturais tinham em geral alguma componente lúdica (na linha de Huizinga, J., *Homo Ludens*, Edições 70, 2015), que se desenvolve em oposição à ideia do *homo faber*, já desmontada por Paul Lafargue na sua celebrada obra *O Direito à Preguiça* (Antígona, 2021).

No movimento *beatnik*, que surgiu na costa Oeste dos Estados Unidos nos anos 50, destaca-se a figura de Charles Bukowski, com o seu *O Capitão Saiu para Almoçar e os Marinheiros Tomaram o Navio* (Alfaguara, 2016). Este autor — nos antípodas do machismo de que é ‘acusado’, com vista à sua difamação infundada — alia um sentido de humor profundamente sarcástico a uma crítica feroz do capitalismo taylorista, baseada num hedonismo escrupuloso e no riso subversivo. Quanto aos *hippies*, algumas das suas ideias — como, por exemplo, as que se relacionam com a música associada ao consumo de opiáceos (v. Carlos Castaneda, *Os Ensinos de Don Juan*, Lua de Papel, 2019) — tiveram grande disseminação geográfica nos anos 60/70, enaltecendo a ‘vida boa’ e contestando toda a espécie de sofrimento, numa amálgama virtuosa de ‘curtição’ e revolta.

Com os ‘acontecimentos de Maio de 68’, verifica-se um importante renascimento das tendências anarquizantes que tinham sido obliteradas pelo (aparente) sucesso dos partidários de Marx (que punham ênfase na luta sacrificial, em tom taciturno), contra a tendência de Bakunine, cujos seguidores não desprezavam os ‘prazeres da vida’. Partilhando com Bakunine a aversão a todos os autoritarismos, ergue-se nos finais do século XIX a figura determinante de Kropotkine que defende no seu *Apoio Mútuo* (Antígona, 2021) o ‘bem-estar’ generalizado, em todas as suas dimensões. Em Maio 68, foram retomadas algumas teorias que tinham ficado ‘adormecidas’ sob a bota dum ‘virtuoso’ como Robespierre, por exemplo, as que nortearam a ‘conspiração dos iguais’ de Babeuf (v. René Viénet, *Enragés et Situationnistes dans le Mouvement des Occupations*, Gallimard, 1968).

Na linha da *Internationale Situationiste*, surge uma crítica original às burocracias de Leste, baseada na ideia de que a criatividade das massas se pode sobrepôr à opressão austera dos aparelhos partidários. No que se refere à revolução russa, essa crítica enaltece a radical exultação dos participantes na Comuna

de Kronstadt de 1921 (reprimida pela ação sinistra dos bolcheviques) e a jovialidade dos seguidores de Makhno, o camponês ucraniano insurgente aniquilado por Trotsky na década de 20. Em finais de 1968, desenvolve-se na esfera do movimento estudantil de Lisboa um conjunto de ações de contestação do capitalismo português, com alguns traços de novidade relativamente à luta clandestina dos partidos estalinistas no meio intelectual. Em “O Outono Quente no IST em 1968” (H. Garcia Pereira, revista *Utopia*, Jan./Jul. 2008: 11-20) faz-se um relato da atmosfera desses tempos, centrado na ressonância do ‘espírito de Maio’, quando a revolução passou a ser uma ‘festa’, em vez dum *clash* em que a luta pelo poder era um pobre avatar do ‘assalto ao Palácio de Inverno’. Nessa linha, a batalha pela ‘felicidade coletiva’ no mesmo contexto foi ficcionada em *A Esquerda Festiva no Técnico dos anos 60* (H. Garcia Pereira, Cadernos do Ephemera, 2022).

A ‘esquerda festiva’ é um conceito que permite fundamentar em termos teóricos uma luta anticapitalista *hic et nunc* que abarca diferentes formas de festa espontânea, promovidas por uma criatividade imanente que apela aos prazeres do corpo praticados vagarosamente, como o amor terno, a comida saboreada, a dança serena, o canto suave. O principal argumento a favor da esquerda festiva é que o putativo combate por uma qualquer ‘sociedade sem classes’ em termos sacrificiais é incompatível com as características dessa sociedade em termos de exultação coletiva, e que portanto a ‘vida boa’ deve ser prefigurada nas atitudes de quem luta, desde já, por essa forma de vida para todos. Contra a diversão tolerada pelos poderes estabelecidos (marchas, procissões, carnavais, folclore...), a esquerda festiva tende a gerar ilhas de liberdade como formas não convencionais de resistência e solidariedade capaz de unir as gentes contra o capitalismo, ao arrepio das organizações políticas dogmáticas apoiadas numa militância taciturna e façanhuda pautada pela imolação, renúncia e sofrimento.

Nos anos 1970-2000, verifica-se um nítido apagamento da extrema-direita fósil, que surge disfarçada sob uma capa de ‘defesa da vida’ (condenando o direito ao aborto e à eutanásia em nome duma qualquer transcendência), enquanto os diversos movimentos com alguns traços de ‘anarco-humorismo’ tendem

a crescer lentamente, por exemplo, entre os anti-luditas que não renegam os meios digitais, pondo-os ‘ao seu serviço’ na luta contra o despotismo virtual, através de diferentes formas de ‘hacktivismo’ em que o conteúdo lúdico é relevante. Quanto à utilização parcimoniosa da Internet para a difusão de mensagens apelando à luta contra o capitalismo e para a convocatória rápida de manifestações antissistema, o facto é que há uma tendência para fazer ressurgir — com uma roupagem menos sisuda — a sua vocação inicial de meio de comunicação descentralizado e de instrumento de partilha de informação (H. Garcia Pereira, *Arte Recombinatoria*, Lisboa, Teorema, 2000).

No domínio do ativismo ecológico, a ‘luta do Larzac’ — um movimento de desobediência civil que se desenvolveu na região da Occitânia durante os anos 70 — pode ser visto como exemplo de combate consequente pelo equilíbrio ambiental, enfrentando a tática do Estado centralizador francês. Durante a luta (vitoriosa) contra o projeto que visava estabelecer na região um conjunto de instalações militares, alguns cantores de inclinação anarco-humorista encantaram uma chusma de “chevelus, marginaux et hippies de tout poil” (a designação pejorativa que substituiu o célebre insulto de “pégre!”, usado por De Gaulle em Maio 68, agora aplicado pela imprensa do regime aos ‘esquerdistas festivos’ que acorreram em massa à zona do Larzac). No século XXI, em contracorrente com a ascensão dos movimentos de extrema-direita (e em algum confronto com estes), começaram a desenvolver-se importantes movimentos na linha do ativismo ambiental que abarcavam componentes ligadas à ‘vida boa’, à felicidade individual e coletiva, aos prazeres do corpo. Entre estes movimentos, pode salientar-se a Extinction Rebellion (ER), de vocação internacionalista, dirigido para a consciencialização da ‘emergência climática e ambiental’. Em algumas manifestações de rua convocadas pela ER, começa a emergir alguma tendência sarcástica e jocosa, em contraponto com a denúncia impiedosa do capitalismo extractivista.

A partir de 2005, o Ejército Zapatista de Liberación Nacional tomou a decisão de baixar as armas e dedicar-se à política (sem Estado), acentuando o carácter internacionalista das propostas do movimento e dirigindo a sua ação para o fortalecimento dos

caracoles (zonas autónomas de gestão popular onde as forças governamentais não conseguem entrar). Sob o lema “mandar obedecendo” (feliz oximoro!), os zapatistas dão um sentido novo às festas e rituais de raiz indígena, no sentido de cimentar o espírito coletivo das comunidades autónomas (e prefigurar a ‘vida boa’ que é objeto da sua luta). Em “México Magonista & Zapatista”, (M. Rui Pinto, *A Ideia*, nº 87/88/89, 2019: 171) pode ver-se um vívido relato de algumas experiências anarco-indigenistas, em que a amena vida quotidiana dos revoltosos se combina harmoniosamente com uma eficiente autogestão de raiz libertária. Na segunda década do século XXI, emergem na Europa (com epicentro em França) formas inéditas de ocupação insurgente do território, caracterizadas por uma experimentação social de contornos originais que se baseia numa formulação ecológica anticapitalista, visando a autogestão generalizada da vida coletiva em meio rural. As práticas deste tipo foram designadas por ZAD (*zones à défendre*) e tiveram a sua origem na luta centrada em Notre-Dame-des-Landes, próximo de Nantes, alastrando a partir de 2019 pela Bélgica e pela Suíça (Jappe, A., “ZAD no coração da besta”, revista *Flauta de Luz*, nº 8, 20021: 304).

Pese embora algum êxito relativo das ações contraculturais com laivos anarco-humoristas, sobressaíam ainda durante o século XXI no âmago da oposição ao poder do Norte Global tal como proclamada pelos *mainstream media* os movimentos mais ortodoxos em que a componente lúdica era escamoteada (e que demonstravam uma total inoperância na luta contra o sistema capitalista). Por outro lado, em tempos de capitalismo dito ‘cognitivo’ (quando o espetáculo mercantil é levado ao extremo), o poder tenta deslocar a seu favor o desenlace das ‘guerras culturais’ em que a esquerda era hegemónica, apropriando-se de alguns *tropos* de cariz festivo. Criam-se assim espaços de pretensão cosmopolita em que a banalização dos registos estéticos alternativos vai a par com a sua completa mercantilização. Um exemplo significativo deste tipo de espaços – a Lx Factory, criada em 2008 na zona de Alcântara – é apresentado e estudado do ponto de vista enográfico/arquitetónico em “La réification de la contre-culture, ou la capture économique de la friche urbaine” (L. Carmo, M. Piraud, L. Pattaroni, *La contre-culture domestiquée*, direction Luca Pattaroni, MetisPress, 2020: 175).

Na sequência da pandemia covid, têm-se desenvolvido na Europa diferentes iniciativas convocadas pela extrema-direita, materializadas em acampamentos de massas em que são propaladas mensagens negacionistas condenando a vacinação e a percepção consuetudinária das alterações climáticas, e espalhando aos sete ventos as mais absurdas ‘teorias da conspiração’. Uma dessas iniciativas, designada por WTF (Weekend Truth Festival), realizou-se na West Cumbria em maio de 2024, e foi coberta pela SkyNews, evocando uma qualquer (*untruthful*) ‘continuidade’ relativamente aos colossais festivais de música dos *sixties*, como o Woodstock. No cerne da propaganda ligada às ‘guerras culturais’ que os movimentos de extrema-direita têm desenvolvido no século XXI encontra-se a ideia de que ‘não há alternativa ao capitalismo’, e que portanto as gentes têm de se resignar ao trabalho (alienado) e ao consumo passivo da mercadoria. Também é apanágio desses movimentos a difamação veemente das correntes contraculturais que abalaram o Ocidente nos anos 1960/70 com o seu conteúdo incendiário em que algumas formas de anarco-humorismo sarcástico, lúdico e festivo jogam um importante papel. A partir da segunda década do século XXI (em linha com o crescimento do neoliberalismo autoritário), a extrema-direita avançou com a hodierna estratégia de apropriação capciosa dos espaços contraculturais (tanto urbanos como rurais), pugnando pela sua ‘domesticação’ ao serviço da ideologia do ‘espetáculo’ baseado na mercadoria, numa atitude que retoma em novas roupagens as táticas de *récupération* ensaiadas no pós-Maio 68.

Em clara oposição à estratégia subtil da extrema-direita, as forças que contestam o poder autoritário global têm o imperativo ético da reinvenção criativa dum método disruptivo de combate às superestruturas capitalistas baseado no escárnio dirigido contra o espetáculo mercantil, em que a componente lúdico-festiva seja preponderante.